

# Design de moda e artesanato: uma relação social recíproca

Rita de Cássia Rothbarth Lorenzi ([Currículo Lattes](#))

Elenir Carmen Morgenstern ([Currículo Lattes](#))

---

## INTRODUÇÃO

Experiências desenvolvidas por professores de Design, numa universidade comunitária catarinense, em projetos de extensão universitária que capacitam para a geração de trabalho e renda, por meio de saberes oriundos do campo do design, destacaram uma problemática em especial: mulheres artesãs, capacitadas a partir de projetos sociais, passam a adotar procedimentos, sob a orientação de professores de Design, e incorporam, em suas produções, modos produtivos pautados em metodologia do campo do design; conseqüentemente, materiais nativos e técnicas familiares e locais,

paulatinamente, podem ser abandonados. Em decorrência disso, os artefatos produzidos descaracterizam o grupo que os produz e não integram materiais locais, desconsiderando o meio ambiente. Essa problemática deu luz à reflexão de mestrado intitulada “design de moda e artesanato: uma relação social recíproca”, que propôs, de modo integrado aos saberes específicos do campo do design, um retorno às características locais, em busca de uma produção manual que reflita as condições materiais locais e a identidade cultural dos agentes produtores.

Assim, a investigação, ora relatada, apresentou como objetivo geral verificar a contribuição dos estudos fundados na abordagem social, para o campo do design de moda, visando aplicabilidade com projetos que visam geração de trabalho e renda, por meio de processos artesanais. Intentou identificar e analisar possibilidades de colaboração entre professores de Design (integrantes do Departamento de Design da Univille) e artesãs dos projetos que capacitam para a geração de trabalho e renda, desenvolvidos pela Área de Extensão Universitária da Univille (Projetos SempreViva, AmaViva e Vida em Flor). Entendendo que as produções de tais grupos são situadas geográfica e historicamente, intencionou-se fomentar o desenvolvimento de novos artefatos, integrando-se ferramentas e tecnologias acadêmicas do campo do design de moda com os conhecimentos populares de técnicas, processos e materiais locais, compreendendo, em tais práticas, a relevância de estabelecer uma relação social recíproca.

## **CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO**

A metodologia da investigação apoiou-se na Teoria dos Sistemas Simbólicos, de Pierre Bourdieu. Para Bourdieu (2003, p. 65), não basta

analisar o objeto de estudo isoladamente, é necessário sopesar o campo no qual está inserido e considerar o sistema simbólico nele instituído. A questão central desta investigação foi a de buscar respostas sociológicas, ou seja, lógicas e ao mesmo tempo empíricas (BOURDIEU, 2007). O viés sociológico, elegido para a investigação, conduziu ao entendimento de que os agentes envolvidos no processo analisado têm sua responsabilidade, mas são em grande parte definidos em suas possibilidades ou impossibilidades, pela estrutura na qual estão situados e pela posição que ocupam nessa estrutura. Não se compreende nada se não se compreende o campo que o produz e que lhe confere pequena força (BOURDIEU, 1997, p. 78).

A Teoria do Campo, de Bourdieu (2003, p. 65), refere-se às questões de legitimação, decorrentes de padrões culturais, dos campos simbólicos. O campo é o espaço social (simbólico) de conflito onde as relações sociais (efetivadas pelos agentes e por classes de agentes) estão distribuídas na forma de capital, seja simbólico, seja cultural, e por meio das quais se estabelecem as relações de dominação. O campo é articulado pelas lutas, disputas pelo poder, entre os agentes, sempre dispostos a envolverem-se, com o objetivo de demarcarem suas posições na estrutura social (distinção). Por maior que seja a autonomia do campo, o resultado dessas lutas nunca é completamente independente de fatores externos. Em outros termos, as relações de força (entre o velho e o novo) dependem do estado das lutas externas e do reforço que uns e outros possam encontrar fora do campo (BOURDIEU, 2003, p. 65).

Todo campo social, seja o campo científico, seja o campo artístico, o campo burocrático ou o campo político, tende a obter daqueles que nele entram uma relação com o campo, a que Bourdieu (2014, p. 140) chama de *illusio*. De acordo com o mencionado teórico, os agentes podem querer inverter as relações de força no campo,

mas, por isso mesmo, reconhecem os alvos, não são indiferentes. Assim, para Bourdieu, querer fazer a revolução em um campo significa concordar com o essencial do que é tacitamente exigido por esse campo, a saber, que ele é importante, que o que está em jogo aí se torna tão importante a ponto de se desejar fazer a revolução.

### **Agentes produtores**

Para Bourdieu, o agente é o ser que participa e pleiteia dentro do campo de interesses. O autor esclarece que os agentes obtêm o capital econômico e cultural de acordo com sua origem social, determinantes desde o seu nascimento. Ao transcorrer do tempo os agentes assimilam formas de agir dentro do meio social.

Conforme dados coletados e arquivados pelos projetos 'SempreViva' e 'Vida em Flor', os agentes, referidos na pesquisa ora relatada, são mulheres de baixa escolaridade e renda, cadastradas na Secretaria de Assistência Social de Joinville, que almejam, ao ingressar nos projetos de geração de renda da Univille, se qualificar para o mercado de trabalho, com vistas ao complemento da renda familiar. Trata-se de donas de casa casadas procedentes de cidades do interior de Santa Catarina e Paraná, que se dedicam aos afazeres domésticos e à educação dos filhos. Moradoras da periferia de Joinville, dominam determinadas técnicas artesanais, como crochê, bordado, fuxico ou *patchwork*. Algumas das integrantes vêm em busca de atividade que alivie a rotina doméstica, outras foram diagnosticadas com quadro de depressão. A partir da capacitação, nas oficinas dos projetos, passam a integrar o mercado de trabalho por meio de atividade empreendedora, autônoma ou vinculada a uma associação.

As agentes produtoras, supra-apresentadas, ao se cadastrarem na Secretaria de Assistência Social, passam a integrar os projetos de capacitação para a geração de trabalho e renda 'SempreViva', 'Vida

em Flor' ou 'AmaViva', desenvolvidos na Univille.

O corpo docente, formado por professores do departamento de Design da Univille, transmite, nas oficinas de capacitação, conhecimentos relacionados à pesquisa, criação e desenvolvimento de artefatos. As atividades ocorrem uma vez por semana e contam com o auxílio de estudantes (bolsistas e voluntários principalmente da linha de formação em Moda) na preparação do espaço onde será realizada a oficina, disponibilização dos materiais utilizados, registro fotográfico e preparação do lanche.

### **Financiadores**

Com o objetivo de contribuir com a formação do ser humano, para a melhoria do exercício profissional e desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática, a Universidade da Região de Joinville, por meio de um fundo financiador próprio (Fundo de Apoio à Extensão [FAEX]), investe em atividades de Extensão Universitária. Por ano, 35 projetos de extensão são custeados. Para aprovação e implantação, os projetos são submetidos a um edital de demanda interna, sendo avaliados por dois membros internos e um membro externo à instituição.

Os projetos de geração de renda desenvolvidos pela Univille em parceria com a Secretaria de Assistência Social promovem, além da aprendizagem de conteúdos específicos, o desenvolvimento pessoal e a responsabilidade socioambiental e ética. As ações desses projetos, ao contribuírem com o aprimoramento profissional e conseqüente evolução das condições de vida familiar e local, investem na constituição de um futuro melhor aos menos favorecidos socialmente.

Considerando os agentes produtores e os financiadores, o tópico a seguir adentra em conceitos e define termos como

artesanato, moda, cultura e identidade. Contextualiza o campo da Moda em Santa Catarina, aborda limites e hibridismo do campo da Moda e destaca o caráter multicultural do Estado.

## **CONSIDERANDO OS SISTEMAS SIMBÓLICOS**

A investigação, aqui apresentada, investiu em conceituações e definições dos termos artesanato, moda e identidade cultural, analisados por meio de uma perspectiva sociológica.

De acordo com Bourdieu (2007), a ciência deve aplicar aos campos de estudo o princípio da teoria do conhecimento antropológico, segundo o qual os sistemas simbólicos que um grupo produz e reproduz no âmbito de um tipo determinado de relações sociais adquirem seu verdadeiro sentido quando referidos às relações de força que os tornam possíveis e socialmente necessários (BORDIEU, 2007, p. 176). Seguindo essa diretriz, é preciso evidenciar que os gostos (legitimados ou institucionalizados como tal) e as preferências estilísticas pelos artefatos produzidos e comercializados, em Joinville e em Santa Catarina, não são apenas um reflexo da estrutura social, como também um meio de afirmação e de adequação a uma vinculação social (CIPINIUK, 2014, p. 83).

### **Artesanato, moda e identidade**

Para Cipiniuk (2006), faz-se necessário definir claramente o tipo de cultura que acarreta o artesanato e, sobretudo, não deixar de considerar que o povo que o produz participa do sistema integrado de comunicação dos mesmos valores, ouvem rádio e assistem televisão e, o mais importante, em sua maioria reside nas periferias e, mesmo morando longe, nas áreas antes denominadas rurais, têm íntimo contato com centros urbanos, ou seja, estão dentro do sistema

capitalista. No entender de Cipiniuk (2006), o artesanato deve ser pensado juntamente com outro tipo de produção do mesmo sistema, e não algo contrário a ele. O diálogo entre design e artesanato passa pelo respeito a um tipo de cultura desprezada; trata-se de integrar as classes sociais e as suas diferentes culturas a um sistema que as separa.

### **Identidade/hibridismo cultural**

Conforme documento elaborado pelo SEBRAE (2004, p. 18), desenvolver produtos artesanais de referência cultural significa valer-se de elementos que reportem o produto ao seu lugar de origem, como a utilização de certos materiais, insumos ou técnicas de produção típicas da região ou uso de elementos simbólicos que façam menção às origens de seus produtores ou de seus antepassados.

Compreendeu-se, no desdobrar da pesquisa, que é necessário, quando se almeja uma produção cultural híbrida, envolvendo Design e artesanato, considerar o contexto em meio aos quais as práticas são desenvolvidas. E, indo adiante, entendeu-se que tem de se levar em conta que a cultura local é constituída pelo empréstimo cultural de outras culturas (SAID apud BURKE, 2003, p. 13).

Entretanto, é relevante um posicionamento teórico no tocante ao entendimento do fenômeno (por alguns teóricos denominado hibridismo cultural – atacado por uns e defendido por outros – e por outros chamado com outros termos), evidenciando que, no enalço dos escritos de Burke (2003, p. 116), entendemos que as formas híbridas de hoje não são necessariamente um estágio no caminho para uma cultura global homogênea ou para uma desintegração cultural. Para Burke, a análise mais convincente de nossa cultura é aquela que vê uma nova ordem, surgindo uma formação de novos ecotipos, a cristalização de novas formas, a reconfiguração de culturas, a “crioulização do mundo” (BURKE, 2003, p. 116).

No caso de Joinville/SC, o hibridismo cultural é facilmente percebido, já que a cidade se constitui, em grande parte, por pessoas provenientes de outras localidades. A própria constituição dos grupos que integram os projetos de geração de renda da Univille evidencia o caráter multicultural. Observa-se a necessidade de considerar tal hibridação na definição da identidade cultural do grupo de artesãos dos projetos.

Buscando-se uma resposta sociológica ao problema, destacado pela investigação, entendeu-se como necessário confrontarem-se as teorias de apoio com a prática dos grupos de geração de renda.

### **Moda e sociedade**

Bourdieu (2011, p. 18) considera que certas maneiras de tratar as roupas e os enfeites, aqui transpostos para a terminologia design de moda, exprimem, de forma simbólica, fatores de distinção no meio social. De acordo com Bourdieu, entre todos os tipos de consumo e de conduta passíveis de abrigar uma função expressiva, quer se trate da compra de um automóvel, da decoração de um apartamento, quer se trate da escolha de uma escola para os filhos, são as roupas e os enfeites (em virtude de seu elevado rendimento simbólico), que, ao lado, da linguagem e da cultura, melhor realizam a função de socialização e dissociação.

Nos fundamentos da sociologia das formas simbólicas, Bourdieu (2002, p. 8) destaca que o poder simbólico se manifesta por meio de estruturas como a arte, a religião e a língua. O autor (BORDIEU, p. 10-15) afirma que os símbolos, coordenados pelos sistemas simbólicos, têm como função preponderante a integração social, conferindo sentido ao mundo social e possibilitando o consenso a respeito da ordem estabelecida.

O poder simbólico, conforme Bourdieu (2002, p. 10-15),

imperceptível e invisível, é uma forma transfigurada e legitimada das outras formas de poder. E o que torna possível tal poder é a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem, conclui o autor. Para o mencionado autor, a conversão do capital econômico em capital simbólico, mediante o desperdício de energia social, que é a condição da permanência da dominação, só pode ter sucesso com a cumplicidade de todo o grupo.

De acordo com Bourdieu (2011, p. 17-20), tudo se passa como se os sistemas simbólicos estivessem destinados pela lógica de seu funcionamento enquanto estrutura de homologias e de oposições, ou melhor, de desvios diferenciais, a preencher uma função social de socialização e dissociação ou, então, a exprimir os desvios diferenciais que definem a estrutura de uma sociedade, enquanto sistema de significações, arrancando os elementos constitutivos dessa estrutura, grupos ou indivíduos da insignificância.

Assim, o termo *habitus*, adotado por Bourdieu (THIRY-CHERQUES, 2006), para estabelecer a diferença entre conceitos correntes como hábito, costume, praxe, tradição, situa-se entre a estruturação e a ação. “Denota o sistema de disposições duráveis e transferíveis, que funciona como princípio gerador e organizador de práticas e de representações, associado a uma classe particular de condição de existência” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33). Ele funciona como um esquema de ação, percepção e reflexão. “Presente no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo dado, ‘economiza’ o cálculo e a reflexão” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 34).

É interessante considerar o design de moda com base nas noções de campo e *habitus* de Bourdieu. De fator isolado, o design de moda passa a ser compreendido a partir de sua relação com os

agentes produtores e consumidores. Estes são contemplados pela consideração do gosto vigente, moldado pelo *habitus* instituído socialmente.

### **Design de moda, artesanato e territorialidade**

No tocante ao design de moda, Fletcher (2011, p. 108) ressalta a importância em fazer com que as prioridades locais sejam relevantes, com vistas a promover o desenvolvimento sustentável num processo potencialmente transformador, para fomentar a solidez econômica e, ao mesmo tempo, a diversidade cultural e estética.

Nesses termos, o reconhecimento do artesanato local somente será possível com iniciativas de projetos que viabilizem ações que valorizem o desenvolvimento sustentável do território, com o aproveitamento racional dos recursos naturais e a justa valorização do artesanato.

### **Limites e hibridismos no campo da moda**

Como referência fundamental acerca da temática 'hibridismo cultural', a investigação ora relatada foi consonante ao entendimento de Canclini (2011, p. 220). O autor observa que os fenômenos culturais folclóricos ou tradicionais são o produto multideterminado de agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, nacionais e transnacionais. Por extensão, de acordo com o referido teórico, é possível pensar que o popular é constituído por processos híbridos e complexos, usando como signos de identificação os elementos procedentes de diversas classes e nações.

Mostrou-se fundamental, para a manutenção da cultura dos agentes produtores, que se valorize a matéria-prima local. Considerou-se essencial, para a manutenção dos processos naturais do planeta, que se considere o meio ambiente no momento de

escolha das matérias-primas, as quais devem ser renováveis, de acordo com as condições climáticas e geográficas do local em que ocorre a produção.

### **Joinville: produção cultural e mercado**

Os *habitus* estabelecem as diferenças nas práticas dos agentes, ou de seus grupos, em meio ao campo (BOURDIEU, 2003, p. 21). Essas diferenças são constitutivas de sistemas simbólicos, configurando-se em signos distintivos, propiciando o estabelecimento de diferenciadas categorias de percepção (BORDIEU, 2003, p. 22).

Evidenciaram-se a rica história da imigração de Joinville e a herança cultural que os imigrantes trouxeram, marcada pelo hibridismo cultural. Destacaram-se como perceptível, ainda hoje, especialidades gastronômicas – com pratos genuinamente joinvilense – e artesanais com peças bordadas manualmente. Destacou-se, ao longo da pesquisa, que Joinville possui um moderno centro urbano e industrial, mas que contém traços típicos com jardins floridos e casas no estilo enxaimel.

Considerando-se os dados coletados e levando em conta as bases teóricas de Bourdieu, práticas diferenciadas, focadas na capacitação para o trabalho, foram realizadas nos projetos Vida em Flor e SempreViva no fim do segundo semestre de 2013 e ao longo do ano de 2014. Esse é o mote do próximo capítulo.

## **APLICANDO A TEORIA NA PRÁTICA**

A investigação, referida neste artigo, destacou a relevância de estabelecer-se uma relação social recíproca entre Design e artesanato. Não vislumbrou dois segmentos opostos, nem tampouco entendeu que o desenvolvimento moderno, com a evolução do saber culto do Design, tenha suprimido ou venha a suprimir as culturas populares tradicionais.

A pesquisa prática foi realizada em dois grupos específicos: Projeto Geração de Renda: Grupo Vida em Flor e Geração de Renda: Grupo SempreViva.

### **Experiência prática nos dois anos de desenvolvimento da pesquisa de mestrado**

Discorre-se a seguir acerca do processo de desenvolvimento de novos artefatos, integrando-se ferramentas e tecnologias acadêmicas, do campo do design de moda, com os conhecimentos populares de técnicas, processos e materiais locais, compreendendo em tais práticas a relevância de estabelecer uma relação social recíproca.

### **Projeto SempreViva desenvolvido em 2013 e 2014**

Considerando-se a realidade migratória, característica do grupo SempreViva, e procurando-se valorizar a cidade em que vivem, foi realizado em sala de aula, em 2013, um mapa mental sobre qual característica principal Joinville passa para cada integrante. As características mais citadas foram: florida, chuvosa, quente, hospitaleira, com muita vegetação, rios e baía, perto da praia. Propôs-se, então, uma pesquisa acerca das plantas encontradas nas residências das participantes.

Com base em todas as considerações levantadas, o grupo foi desafiado a propor um projeto coerente com a pesquisa das características abordadas sobre Joinville. A escolha do artefato deu-se a partir do levantamento das habilidades técnicas das agentes produtoras (havia uma chapeleira no grupo), características geográficas da cidade, bem como materiais disponíveis. Decidiu-se projetar um acessório, chapéu, para proteção contra os raios solares, contemplando um público feminino que resida ou visite a cidade em direção às praias. As peças foram serigrafadas de forma artesanal com galhos e folhas inspiradas na vegetação trazida das suas residências e customizadas com fuxicos e bordados, em cores inspiradas nas flores encontradas nos jardins, como margaridas, girassóis, orquídeas e ipês.

Na turma de 2014, conforme levantamento, significativo percentual veio de outras cidades. Algumas nasceram em Joinville e outras vieram de cidades desenvolvidas do interior de Santa Catarina. Assim, foram apontadas, em sala, as principais características conhecidas pelas integrantes sobre a cidade que escolheram para morar: uma cidade tranquila, hospitaleira e com oportunidades de empregos e estudo. Como no ano anterior, a principal característica observada na oficina de linguagem visual foi a vegetação presente em Joinville, visto que a maioria mora em residências com espaço para quintais e hortas.

Como o projeto foi idealizado próximo ao verão, optou-se em projetar uma bolsa funcional que protegesse os produtos, como toalhas e protetor solar; projetou-se, em meio à oficina do projeto, a possibilidade de desenvolvimento de produtos cuja matéria-prima principal fosse *banners* descartados pela Univille.

No processo do reaproveitamento dos *banners*, notou-se que os bastões de madeira e as ponteiras seriam descartados. A proposta, por parte das integrantes, foi reutilizar esses suportes como alças,

conforme projeto preliminar. As ponteiros plásticas, por sua vez, serviram como acabamento das alças de madeira. Outro material que acompanha os *banners* são os cordões para pendurá-los. A proposta, diante desse material, foi utilizá-lo acompanhado por um mosquetão como porta-chaves.

### **Projeto Vida em Flor desenvolvido em 2013 e 2014**

O projeto foi constituído por mulheres oriundas de cidades do interior do Paraná e Santa Catarina que residem no bairro Ulisses Guimarães, propriamente no Loteamento Jardim Loureiro, área de terra invadida, próxima do mangue e em processo de regularização dos lotes.

Preliminarmente, incentivou-se em sala de aula que os integrantes falassem sobre o local em que moram. Foram montados mapas mentais com as principais características do bairro e quais técnicas artesanais eram de conhecimento ou domínio do grupo. Em seguida, nas dependências da Univille, os integrantes puderam trocar informações e experiências acerca do local onde vivem. Num primeiro momento, com material visual, puderam conhecer a geografia e história do bairro. Percebendo-se o quanto o local onde habitam é envolvido por manguezais que abrigam rica representação da fauna e flora de nossa região.

Com o encerramento do segundo semestre das atividades do projeto Vida em Flor, realizado em 2013, nova turma foi formada no primeiro semestre de 2014, com remanescentes e novos integrantes do Loteamento Jardim Loureiro. Nas oficinas, com foco na modelagem e costura, confeccionaram-se novas peças de vestuário, com foco na cidade de Joinville.

O projeto Vida em Flor investiu no desenvolvimento de vestuário representativo dos elementos visuais locais (linhas, formas,

cores e texturas). Em sua execução, saberes relativos ao campo do design de moda (modelagem, costura e estamparia) evidenciaram o desenvolvimento amigável do processo produtivo, investindo na aplicação de tintas naturais, extraídas de vegetais encontrados pelos integrantes no próprio bairro, e priorizando a valorização dos produtos por meio de aplicação de técnicas artesanais manuais, nas “sobras” de tecidos retiradas no corte da peça do vestuário.

As peças foram customizadas, pois cada integrante optou por técnicas ancoradas em habilidades manuais individuais, como fuxico, macramê e patchcolagem. A técnica de macramê (representativa das redes de pesca) foi obtida por meio do tingimento natural do açafreão. As flores de fuxico e canoa de patchcolagem foram confeccionadas a partir das sobras dos tecidos tingidos com açafreão e urucum.

## CONCLUSÃO

A investigação ‘design de moda e artesanato: uma relação social recíproca’, apresentada ao longo deste artigo, objetivou verificar a contribuição dos estudos fundados na abordagem social, para o campo do design de moda, visando aplicabilidade com projetos que visam geração de trabalho e renda, por meio de processos artesanais. O estudo identificou e analisou potencialidades de colaboração entre professores e estudantes de Design e grupos femininos, integrantes de projetos de extensão universitária, primando pela integração de ferramentas e tecnologias acadêmicas com conhecimentos populares de técnicas, processos e materiais locais.

O desenvolvimento da pesquisa, apoiada na teoria dos sistemas simbólicos de Pierre Bourdieu, destacou a relevância de estabelecer-se uma relação social recíproca, marcada pelo hibridismo cultural, entre designers e artesãos. Investindo na conceituação do campo

do design de moda, pelo viés sociológico, contextualizou as práticas de designers de moda em Santa Catarina e destacou o caráter multicultural do Estado. Nesse processo, enfatizou a produção cultural e mercado local da cidade de Joinville, onde os agentes produtores estão inseridos.

A pesquisa foi aplicada aos projetos de geração de renda 'SempreViva' e 'Vida em Flor'. Esses projetos, destinados a um público feminino-na grande maioria constituído por mulheres de baixa renda, cadastradas na Secretaria de Assistência Social de Joinville-são vinculados ao departamento de Design da Universidade da Região de Joinville (Univille) e desenvolvidos pela Extensão Universitária.

Evidenciaram-se a história da imigração de Joinville e a herança cultural que os imigrantes trouxeram, marcada pelo hibridismo cultural. Sobre Joinville, ressaltou-se o intenso processo de crescimento populacional referente à contínua migração de pessoas em busca de trabalho. Diante da pesquisa pode-se constatar o apreço com que são cuidados os jardins presentes nas residências das integrantes do projeto 'SempreViva', no qual aproximadamente 65% das residências são próprias. Diferentemente das participantes do projeto 'Vida em Flor', em que as casas simples possuem terrenos com pouca vegetação, por consistir num local de invasão, sem documentação e com pouca infraestrutura.

Propondo-se novos usos e composições para os banners descartados pela Univille, foi confeccionada pelo projeto 'SempreViva', em 2014, bolsas utilizando-se de todos os materiais que compõem o artefato. Além das lonas, também os bastões de madeira, ponteiras plásticas e cordões de *nylon* foram utilizados na confecção das peças. Integrou-se a consciência ambiental, no uso de **banners** que seriam descartados, com o fazer manual, na customização das bolsas com detalhes em crochê e o *patchwork*.

O método, aplicado nas oficinas, excedeu as aplicações metodológicas disseminadas nos cursos de Design, observando-se a vivência dos agentes produtores, sua história e sua cultura. Destacou-se, desse modo, o valor dos saberes dos artesãos e dos designers de moda (saber popular e saber científico), promovendo o desenvolvimento sustentado, por meio de considerações ao meio ambiente na definição de técnicas, manejos e materiais usados.

A aproximação dos estudantes, bolsistas e voluntários, que acompanharam os projetos, propiciou a constituição de novos saberes relacionados a técnicas utilizadas para a confecção de artefatos, acessórios e vestimentas. A partir do trabalho colaborativo, com a troca de conhecimento e informações entre bolsistas, professores, colaboradores e integrantes dos projetos, propôs-se um olhar diferenciado aos futuros profissionais da área de Design, vindo ao encontro dos valores e princípios da Extensão Universitária da Univille: possibilitar o aprendizado ultrapassando os espaços acadêmicos, aproximando o conhecimento científico e o conhecimento popular.

Por meio da abordagem social foi possível perceber a determinação e a força das integrantes dos projetos de geração de renda da Univille, que investem esforços para expandir seu horizonte de saberes e, conseqüentemente, ampliar a renda familiar e melhorar a qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

BORGES, A. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **O amor pela arte**. São Paulo: EDUSP, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 2003-2014.

\_\_\_\_\_. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2011.

## Complementares

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CIPINIUK, A. Design e artesanato: aproximações, métodos e justificativas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN, 7., 2006, Paraná.

\_\_\_\_\_. **Design: o livro dos porquês – o campo do design compreendido como produção social**. Rio de Janeiro: Reflexão, 2014.

FLETCHER, K. **Moda & Sustentabilidade: design para mudança**. São Paulo: SENAC, 2011.

SEBRAE. **Programa Sebrae de artesanato**: termo de referência. 2004.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Pierre Bourdieu**: a teoria na prática. Rio de Janeiro, 2006.

UNIVILLE – UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE. **Área de Extensão Universitária**. Disponível em: <<http://novo.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/proex/area-extensao/index/597362>>. Acesso em: 24 set. 2014.

